

QUANDO O ORIXÁ DANÇA UM CORPO NEGRO SE MOVIMENTA

LEANDRO BARBOSA DOS SANTOS¹;
FRANCISCO PEREIRA NETO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – profleandrobarbosa@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – francisco.fpneto@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Ao analisarmos o passado escravagista brasileiro partindo de uma perspectiva descolonial, podemos tensionar diferentes questões étnicos-raciais que pautam a construção da nação. É perceptível a forte influência africana no processo de formação da cultura afro-brasileira. Através do tráfico negreiro, milhões africanos deixaram o continente, sendo conduzidos involuntariamente para o Brasil a fins de exercer o trabalho compulsório.

Para abrangermos este impacto e complexidade, faz-se necessário estudos que possibilitem a compreensão destes corpos e culturas negras frente ao racismo estrutural contemporâneo, consequência de processos históricos de escravização em nossa sociedade. A presente pesquisa pretende promover uma reflexão que possui como ponto de partida a constituição deste corpo negro no espaço do sagrado, lugar onde encontra em seus mitos e fundamentos de sua constituição.

É a pretensão de explorar questões concernentes aos chamados “estudos afro-brasileiros”, especialmente no que diz respeito a cultura mítica, com noção própria de tempo, importante produtora de performances em distintas religiões e práticas culturais oriundas da matriz africana Brasileira.

2. METODOLOGIA

Partindo do olhar antropológico visual, serão discutidos temas como a construção de corpo, transe, ritualidade, cosmologia, sincretismo, e outras articulações que resultem como práxis produtoras de performance que compõem a multiplicidade brasileira.

Questões estas, que estão embrenhadas no imaginário coletivo e vêm sendo discutidas pela antropologia contemporânea. Para ação em campo foi fundamental o aprendizado por meio da afetação, abordagem que nos indicou caminhos para distinção dos conhecimentos que nos permitem perceber a intensidade e amplitude do tema.

Possuímos por alicerce e aporte teórico na antropologia da experiência e performance. Assim, percebemos que esta relação com a cultura dos orixás busca mostrar que o corpo é essencial no processo de apropriação e ressignificação do indivíduo produzindo ilimitados significados que estão para além do espaço religioso.

Esta pesquisa se desenvolve atualmente nas regiões da grande Porto Alegre e Pelotas, RS, Brasil, levando em contas as características e histórico da região, em especial pela forte presença de descendentes de escravizados, casas religiosas e praticantes de religiões afro-brasileiras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da observação e do trabalho de campo percebemos distintas mediações que criam as condições para aquisição deste corpo negro. Mediações estas que se manifestam em controvérsias que constroem sentidos do/para mundo. É na observação do corpo é que nos foi possível analisar a postura, os movimentos, a dança, fazem parte do encantamento do orixá. A magia do ritual se referencia por meio do corpo, e é no corpo mítico do orixá que os corpos dos presentes se constituem. Não somente a dança, mas uma composição entre música e movimento que produz a energia e o desígnio.

Por isso destacamos que os orixás protagonizam a experiência possuindo uma movimentação detalhada, complexa e exigente, fruto de uma constante constituição de um corpo mágico e imaginado. Neste contexto os arquétipos são importantes elementos definidores de movimentos, performances e relacionamentos, que fundamentam a crença dos presentes.

4. CONCLUSÕES

Assim, propomos a reflexão sobre a crença nos orixás enquanto elementos constituintes e produtores de cultura que transcendem noções de crença, fazendo parte de uma linguagem que emerge do corpo. Toda a estética performática representada na forma do corpo, são elementos constitutivos na composição da representação de cada Orixá afetando a noção de corpo do seu protegido.

Partindo destes códigos, propomos como "eixo teórico" para compreensão deste corpo negro que se constitui no espaço do sagrado. Eles nutrem a imaginação e definem as atuações, estabelecendo opiniões, originando as intencionalidades do movimento por meio do acesso ao universo dos Orixás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAUMAN, R. Verbal Art as Performance. In: **American Anthropologist**, vol. 77, n. 2, juin 1975, p. 290-301.
- BARBOSA NETO, Edgar Rodrigues. 'A geometria do axé: o sincretismo como topologia'. **R@U** (Revista de @ntropologia da UFSCAR), 9(2), pp. 171-183, 2017.
- _____. 'Da feitiçaria como estética ritual nas religiões de matriz africana'. In: **Cadernos de Campo**, 23, pp. 303-318, 2014.
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. As alegorias no carnaval carioca: visualidade espetacular e narrativa ritual. In: **Textos escolhidos de cultura e arte populares**. v. 3, n. 1, p. 17-27.
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. Ritual, drama e performance na cultura popular: uma conversa entre a antropologia e o teatro. In: **Série Passagens**, n. 12, Janeiro de 2011, Fórum de Ciência e Cultura, UFRJ, 18 p.
- CONNERTON, P. Práticas corporais. In: **Como as sociedades recordam**. Oeiras, Celta Editora, 1999, p. 82-119.

- DUMAS, Alexandre Gouvêa. **Corpo Negro: Uma conveniente construção conceitual.** In: **XV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2019, Salvador. Anais XV EneCult. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019, v.01. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/eneCult/anais/edicao-2019-xv-eneCult/>
- FERREIRA, F. C. B. **Pensar / Fazer: Antropologia, Performance.** Universidade de São Paulo, USP, Conceição, Conception, vol 1, n. 1, dez/2012.
- GOFFMAN, E. **A Representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis/RJ: EditoraVozes, 1996, p. 11-75.
- GOFFMAN, E. Sobre a preservação da fachada – uma análise dos elementos rituais da interact social. In: **Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face.** Petrópolis / RJ: EditoraVozes, 2011. (p. 13-50)
- GUTIERREZ, E. J. B.; SANTOS, C. A. A. **Narrativas Macabras: Viajantes e Artistas no sul da América.** In: **XVII Seminário de História da Arte — Anacronias do Tempo**, n.03, 2013, Pelotas. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/arte/article/view/3078>
- HANNA J. L. **Dança, sexo e gênero:** signos de identidade, dominação, desafio e desejo. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999. (p. 27-53). HANNA, J. L. "Dance in Religion" (cap. 5). In: **To Dance is Human**, de J. L. Hanna (Chicago and London: The Univ. of Chicago Press, 1979), 101-127.
- LATOUR, B. **How to Talk About the Body?** The Normative Dimension of Science Studies. Body & Society, Califórnia: Sage, v. 10, n. 2-3, p. 205–229, 2004.
- MARCUS, G. E. O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 2004, V. 47 Nº 1. (p. 133-158).
- MARTINS, Suzana Maria Coelho. **A dança de Yemanjá Ogunté sob a perspectiva estética do corpo.** Salvador: EGBA, 2008. 161 p. il
- MÜLLER, R. P. "Ritual, Schechner e Performance". In: **Horizontes Antropológicos**, PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, nº24/ Antropologia e Perfomance, p.67-85,
- MULLER, R. P. Corpo e imagem em movimento: há uma alma neste corpo. In: **Revista de Antropologia**, vol. 43, no. 2, 2000, 165-193.
- PEIRANO, M. A análise antropológica dos rituais. In : **O Dito e o Feito**: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 07-40.
- SÁ GONÇALVES, R. **A dança nobre do carnaval.** Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2010, p. 203-263.
- SCHECHNER, R. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. In: **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011, p. 213-236.
- SCHRITZMEYER, A. L. P. **Jogo, ritual e teatro:** um estudo antropológico do Tribunal do Júri. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- SILVA, R. A. A. Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das Ciências Sociais. In: **Horizontes Antropológicos**, Rio Grande do Sul, PPGAS, p. 35-65, 2005.
- TURNER, V. Liminaridade e Communitas. In: **O Processo Ritual**, de V. Turner. Petrópolis: Vozes, 1974.
- TURNER, V. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência (primeira parte) de Victor Turner. In: **Cadernos de Campo**, USP, n. 13, 205, p. 177-185.
- UERJ, Instituto de Artes: Rio de Janeiro, 2006. CAVALCANTI, M. L. V. de C. Os sentidos no espetáculo. In: **Revista de Antropologia**. x v. 45, n. 1, pp. 37-80. USP: São Paulo, 2002.



VIÈLE, Anne. **‘Posfácio:** Potência e generosidade da arte de “prestar atenção”.

Ponto Urbe 7, 2010.